

Série **Artigos**



Os irmãos Moreira:

três trajetórias inscritas na história
e nas ruas de Manaus

DURANGO DUARTE



Os irmãos Moreira: três trajetórias inscritas na história e nas ruas de Manaus

Antônio, Guilherme e Emílio vieram da Bahia, participaram da vida médica, comercial e política do Amazonas e tiveram seus nomes incorporados à memória urbana da capital

Nas ruas de Manaus, três nomes preservam a lembrança de uma família cuja atuação atravessou diferentes momentos da formação do Amazonas. Doutor Moreira, Guilherme Moreira e Emílio Moreira fazem parte do cotidiano da cidade, mas os personagens homenageados nem sempre são conhecidos por quem percorre esses logradouros. Irmãos de origem baiana, eles construíram trajetórias que aproximaram medicina, comércio e política, deixando marcas na organização da província e nos primeiros anos do estado republicano.

Filhos dos portugueses Sebastião José Moreira e Maria José Moreira, Antônio, Guilherme e Emílio integraram o movimento de pessoas que encontraram no Amazonas oitocentista oportunidades de trabalho, negócios e participação na vida pública. Os relatos biográficos atribuem a Antônio, médico já estabelecido na região, o convite que trouxe Guilherme ao Amazonas em junho de 1854. Emílio tam-

bém se radicaria em Manaus e se associaria ao irmão nas atividades comerciais.

A presença da família ganhou projeção em uma sociedade na qual a prestação de serviços médicos, o abastecimento do interior e a organização administrativa constituíam necessidades fundamentais. Ao longo das décadas, os irmãos ocuparam espaços distintos, embora ligados por relações familiares, econômicas e partidárias.

Antônio José Moreira, lembrado na denominação da Rua Doutor Moreira, destacou-se entre os primeiros profissionais responsáveis por estudar as condições sanitárias da província. Em relatório de 16 de julho de 1854, identificado como segundo cirurgião do Corpo de Saúde do Exército, descreveu doenças recorrentes e apresentou considerações sobre suas causas e possíveis medidas preventivas. Febres, disenterias e enfermidades respiratórias estavam entre os problemas observados.

A obra acadêmica *No rastro das províncias: as epidemias no Brasil oitocentista* atribui a Antônio o primeiro relatório circunstanciado conhecido sobre as condições sanitárias e de higiene da jovem província. Registra também sua responsabilidade pelas enfermarias de Manaus e afirma que, durante anos, ele foi o único médico a se fixar na cidade. Sua atuação deixou, portanto, documentos que ajudam a compreender tanto as doenças quanto as condições de vida da população naquele período.

O historiador Robério Braga o identifica ainda como o primeiro “médico dos pobres” nomeado pela Câmara Municipal, antes da República. A referência associa sua memória à assistência prestada à população sem recursos, em uma época de serviços de saúde limitados.

Antônio também representou o Amazonas na Câmara dos Deputados. Registros parlamentares e notícias de seu falecimento, em 1877, documentam essa participação. Uma dessas notícias informa

que ele exercia as funções de professor de História e médico da Escola Militar, cuja congregação suspendeu os trabalhos e adotou luto por oito dias ao receber a comunicação de sua morte.

Enquanto Antônio se projetava na medicina e no Parlamento, Guilherme e Emílio consolidavam atividades comerciais. A firma Moreira & Irmão participou das redes que ligavam Manaus ao interior, transportando mercadorias e recebendo produtos como borracha, castanha e pirarucu. Os relatos jornalísticos sobre a família descrevem viagens por rios como Solimões, Purus, Madeira, Juruá e Negro, sujeitas a doenças, acidentes e perda de carregamentos.

A influência econômica encontrou expressão na organização empresarial. Emílio integrou a primeira diretoria da Associação Comercial do Amazonas, em 1871. Guilherme presidiu a entidade entre 1877 e 1880, período em que questões relacionadas à navegação, aos impostos e às comunicações ocupavam a agenda dos comerciantes.

Guilherme José Moreira, nascido em Salvador em 1835, segundo a Fundação Getúlio Vargas, ampliou sua atuação na vida pública. Presidiu a Câmara Municipal de Manaus, ocupou postos na Guarda Nacional e exerceu funções no governo amazonense. Em julho de 1889, recebeu o título de Barão de Juruá, registrado pelo Archivo Nobiliarchico Brasileiro como concedido por decreto do dia 5 daquele mês.

Sua trajetória atravessou a mudança de regime. Em 1891, assumiu temporariamente o governo estadual em duas ocasiões. Durante a segunda passagem, presidiu, em 4 de julho, a sessão de instalação do Superior Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas, instituição que deu origem ao atual TJAM. O episódio o vincula diretamente à estruturação do Judiciário estadual republicano.

Emílio José Moreira, por sua vez, construiu uma carreira especialmente ligada ao Legislativo e à direção partidária. Segundo a pesquisa de Otoni Moreira de Mesquita, exerceu diversos mandatos de

deputado provincial, presidiu a Assembleia Provincial e, na República, o Congresso Estadual. Também assinou as Constituições amazonenses de 1891 e 1892.

Em artigo publicado no Jornal do Commercio de 20 de agosto de 1967, Agnello Bittencourt o descreveu como um dirigente de grande experiência, influência eleitoral e domínio da atividade parlamentar. Sua posição na família e as relações com outros grupos políticos contribuíram para o espaço que ocupou nas disputas pelo governo do Amazonas.

Essa importância deve ser compreendida com as contradições do período. Mesquita situa os Moreira entre os principais grupos oligárquicos locais, sustentados por vínculos familiares, partidários e pela atuação do jornal Amazonas. A participação na construção das instituições coexistia com mecanismos de concentração de poder característicos daquela sociedade.

Também a relação com a escravidão exige atenção. Os recortes sobre Guilherme registram a concessão de alforrias, mas divergem sobre o número de pessoas libertadas. O episódio documenta tanto essas libertações quanto sua condição anterior de proprietário de pessoas escravizadas, aspecto que integra sua biografia.

As homenagens nas ruas de Manaus preservaram a lembrança dos três irmãos. A Rua Doutor Moreira, anteriormente denominada Rua do Espírito Santo, homenageia Antônio José Moreira, conforme registra Ulysses Bittencourt na crônica Velha Rua. A antiga Rua das Flores passou a ser conhecida como Guilherme Moreira, enquanto Emílio também teve seu nome incorporado à identificação de um logradouro da capital.

Reunidas, essas trajetórias ajudam a compreender a formação do Amazonas: a assistência médica diante das enfermidades, o comércio organizado pelos rios e a disputa pela direção das instituições. Os nomes nas placas das ruas guardam fragmentos dessa história. Conhecer quem foram os irmãos Moreira permite devolver a esses endereços parte da memória que lhes deu origem.

Série Artigos

